

CHÃO de INFÂNCIA

Texto Vânia Vasconcelos
Ilustrações Sérgio Melo

Serra do Araripe

A serra do Araripe tem mata muito bonita.

A gente solta o olhar por dentro do verdume e encontra folha de todo feitio, flor nunca vista e fruta de toda cor. Vez em quando, pula um bicho por dentro do mato, mas a gente, nas trilhas, não tem medo do que vem. O mato é a casa de quem mora em buraco, toca, moita ou árvore. Quem visita, precisa só respeitar. Por isso, o certo é levar saco pro lixo jogar: não se suja a casa que se vai visitar.

Cantar lá na serra é prazer natural, é como fazer parte do mundo de lá, como virar bicho, ou planta, ou pedra, ou flor. Mas melhor que cantar é sentar e ouvir. Ficar bem quietinho e poder sentir o coração da mata, vivo, por ali: barulhinho das águas que correm, bicho que pia, folha que move e, claro, mais que tudo, passarinhos.

Passarinho é bicho que Deus inventou para o mundo saber ser feliz. Pintou cores nas suas plumagens, deu céu sem limite para seu voar, tarefas de amor à vida. Por isso é que eles espalham sementes, fazendo florestas por onde morar, replantando o verde para respirar. Daí não ser coisa boa essa de prender passarinho. O mundo é melhor se ele voar.

Na serra do Araripe, há um passarinho especial, chamado Soldadinho. Ele é como um fiscal. Só vive onde existe nascente de rio; se matam o rio, com lixo ou maltrato, Soldadinho desiste e voa dali. Portanto, onde Soldadinho há, sabemos que há água, e logo haverá folha de todo feitio, flor nunca vista e fruta de toda cor.

Gente é bicho que Deus inventou para saber ser feliz. Entregou uns olhos para ver toda beleza, deu mãos que podem cuidar, abraçar, proteger; deu um mundo grande para a gente se espalhar. Por isso é que o mundo fica melhor quando a gente sabe com a natureza conviver...



A viagem pela leitura

Viajar é uma das coisas de que mais gosto na vida. Não precisa ser viagem grande, demorada, basta mudar um pouco a paisagem, conhecer gente nova e respirar outros ares, ouvir outros sotaques e histórias. Mas, às vezes, viajo muito sem sair de onde estou e gosto demais. Nas histórias que já li, fui a muitos lugares que não conheço, andei em ruas que nunca imaginaria sem ler, conheci pessoas e costumes bem diferentes dos que existem por onde moro. As páginas dos livros me fazem viajar até para outros tempos longe de mim.

Comecei a gostar de ler numa biblioteca que tinha na minha cidade, mas até sem biblioteca dá para começar a viagem. Qualquer lugar onde se achem alguns livros e a gente começa por escolher. Escolher para onde se quer ir pelo título do livro mesmo. Ler e coçar é só começar. É que nem comer doce, a gente não quer mais parar.

Depois de cada livro é como se você tivesse conhecido um lugar novo e pessoas novas. Mas sabe o melhor? Além de ir lá na história, você acaba por aprender a criar mundos e pessoas também. São as histórias que você vai escrever.



O Tempo

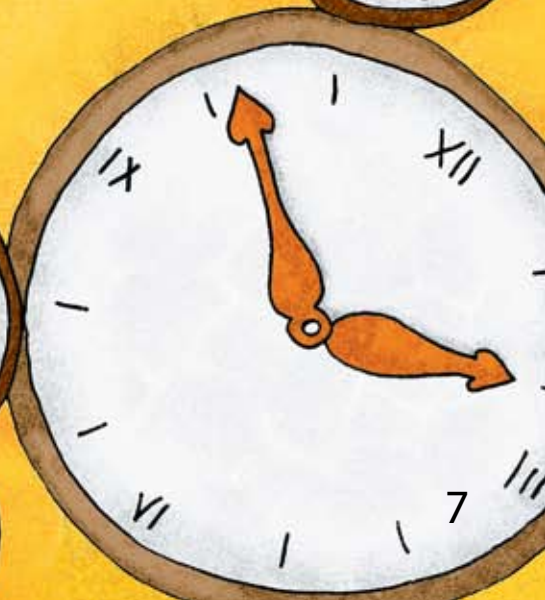
O Tempo é coisa engraçada. Parece grande de não ter fim, parece curto de não caber tudo que se tem pra fazer. As pessoas fazem grande confusão. Dizem – *É cedo pra se preocupar com isso, ninguém morre de véspera* – Mas logo adiante dizem – *Agora já é tarde, devia ter pensado nisso antes* – E nunca sabem como agir com o tempo.

Talvez o melhor não seja o antes, nem o depois, mas principalmente o agora, que é o momento que estou vivendo. É, este mesmo momento em que você está lendo. Ele é o seu tempo presente, já pensou? Então passou.

Quando a gente está contente, o tempo passa rápido como foguete. Quer ver? Tempo de brincar na rua, tempo de correr na praia, tempo de jogar bola, tempo de merendar, tempo de carinho e colo, passa tudo correndo e a gente diz — *já acabou?*

Mas quando a gente está tão triste, triste de fazer dó, aí o tempo passa devagarzinho, parece não acabar mais. Assim é o tempo do castigo, da doença e da viagem de quem a gente gosta quando a gente fica, não é? Pense num tempinho esticado, que vai caindo como gota de água em nossa cabeça!

Então o tempo é assim, depende do que se sente e depende do que se faz; demora mais, demora menos, mas o tempo é o mesmo. Um dia é um dia e tem vinte e quatro horas, mas a demora dele é curta ou longa, dependendo do que a gente está fazendo, do quanto a gente gosta e de com quem a gente está.

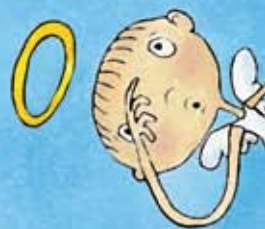



Trovoada

Noite de trovoada. A cidade escondida nos quartos e salas. Ninguém na pracinha, nem no pátio da igreja, ninguém nas calçadas. A chuva é boa, abençoada, mas enche de medo se traz trovoada. O clarão alumia tudo. A noite fica dia. Maria, na cozinha, reza e chora ajoelhada, já se cobriram os espelhos, com lençóis brancos, que é para não atrair raios, nem fantasmas.

Trovoada. De repente, junto com o clarão, o ronco que vem do céu. Cai o raio atravessando lá no meio da estrada. O barulhão faz tremer. A menina quer chorar, mas a mãe conta história lembrada. Dizem que quando se ouve este barulho no céu, é sinal que lá por cima, anjos limpam a casa. No arrasta-arrasta em que se lava o chão do céu, vão fazendo tal barulho de trovão. Assim nasce a trovoada, junto com seus raios.

Trovoada de dia é melhor. Depois da chuva, o sertão floresce verde, mas ainda durante a trovoada é lindo de se ver. No descampado do céu aberto, vê-se o céu alumando. Os raios cruzam os céus como veias de luz. Embaixo, a terra, antes seca, vai bebendo a água com sede grande. Vão se formando poças que são rios onde alguns insetos tentam nadar ou são só arrastados. Das portas das cozinhas, que dão para os quintais, dá pra ver os insetos lutando contra as correntezas dos rios que se formam. Sobe um cheiro gostoso de terra molhada e parece que tem gosto aquele cheiro. Gosto de chuva bendita.





Santa Clara clareou
São Domingos anunciou
vai chuva, vem o sol
pra enxugar o meu lençol
Santa Clara clareou
São Domingos anunciou
vai chuva, vem o sol
pra enxugar o meu lençol

Futebol

É engraçado pensar que o futebol é uma invenção dos ingleses. Não é que os ingleses não joguem bem, não é isso, é que o Brasil tem o melhor futebol do mundo, não é? Perto dos nossos craques, os outros são apenas bonzinhos. Mas por que será que é assim? Eu acho que a alegria com que nossos meninos jogam bola é que faz eles crescerem craques. Todo mundo no Brasil quer, pelo menos, torcer. Quem não tem time nenhum, inventa que tem e, quando o time ganha algum título, acaba gostando de ter e pronto, já está torcendo forte. Na copa do mundo, então, nem se fala. O país pára para assistir aos jogos e todo mundo entende tudo ou finge que entende, o que acaba dando no mesmo, porque todos fazem questão de dar opinião. O país fica cheio das cores da bandeira, principalmente a famosa camisa 'amarelinha', que é conhecida em todo o mundo. Dá uma alegria de ser brasileiro, é bom demais!

Além disso tudo, há times que não são times, são só amigos que se juntam para uma "pelada" de final de semana, só pra relaxar. Quem os vê jogando, entre xingamentos e empurrões, pensa que a amizade vai acabar ali, que nada. No final do jogo está tudo bem e ninguém nem lembra quem xingou a mãe de quem. As próprias mães, xingadas, muitas vezes ajudam remendando uniformes, fazendo curativos pós-jogos ou servindo uma boa feijoada. O futebol é uma festa boa porque faz nascer nossa alegria e nossa vontade de vencer.

Não seria bom demais se a gente levasse essa mesma alegria e vontade para tudo que a gente fizesse?



Festa de água

Praia é passeio bom demais. A gente chega e se espalha logo pela areia quente, colorida de toalhas, barracas e tantas pessoas alegres e barulhentas. Há tantas coisas para fazer e boa parte disso tudo é de graça porque a praia é paisagem da natureza e ninguém pode possuir, pode só usar. É de todos.

O calor empurra logo a gente para o mar, então é aproveitar a água geladinha, brincar de pular as ondas ou deitar na beirinha para esperar a marola.

Mas nem todo lugar de água é beira-mar. O banho de rio é coisa que não se esquece. Entrar na água onde dá pé e atravessar de lado a outro. Mergulhar, apostar pra ver quem fica mais tempo debaixo d'água ou apenas boiar feito folha que cai e o rio vai levando.

Nas tardes de calor, o bom é brincar na água. Rio e mar são reinos cheios de histórias. Ouvi muitas: a do homem do rio, que era encantado e aparecia para pedir fumo numa canoa que entrava no mato, ou da mãe d'água que aceitava presentes e pedidos, mas também arrastava as pessoas de que gostava.

Enfim, certeza é que tudo é mais bonito dentro d'água ou perto dela. O pôr-do-sol é demais. A água vai ficando morninha e depois esfria. O céu azul vai se pintando de rosa e laranja. Dá uma moleza boa no corpo e é hora de voltar para casa. Bom é saber que o sol volta todos os dias e as águas estão lá, como uma cama líquida pra gente brincar.



Marina Menina

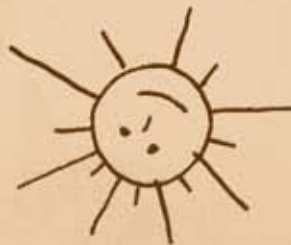
Marina Menina era assim: pensava uma coisa e pronto, ninguém conseguia tirar da cabeça dela. Ela pensava que ninguém gostava dela porque ela não sabia brincar de elástico, nem pular corda, nem brincar de esconde-esconde, e então ficava longe só olhando. Quando as meninas passavam, Marina Menina baixava os olhos e começava a riscar o chão com pedra ou graveto.

Marina Menina sabia desenhar casas, pássaros, bichos e gente. Um dia, uma Maria Curiosa veio perto de Marina Menina e perguntou pelos desenhos, o que eram. Marina Menina riu e explicou são desenhos meus e Maria Curiosa pediu me ensina como se faz.

Daí a pouco, eram muitas meninas ao redor de Marina Menina aprendendo seus desenhos. Depois cansaram de tanto desenho e foram brincar de esconde-esconde. Quase sem notar, Marina Menina já estava dentro da brincadeira, que ela nem sabia que sabia.

Marina Menina agora tinha muitos amigos, mas a especial era Maria Curiosa que gostou de Marina sem ligar para o que ela não sabia.

Amizade é assim, nem sempre é simples, nem sempre é fácil, mas sempre é bom.





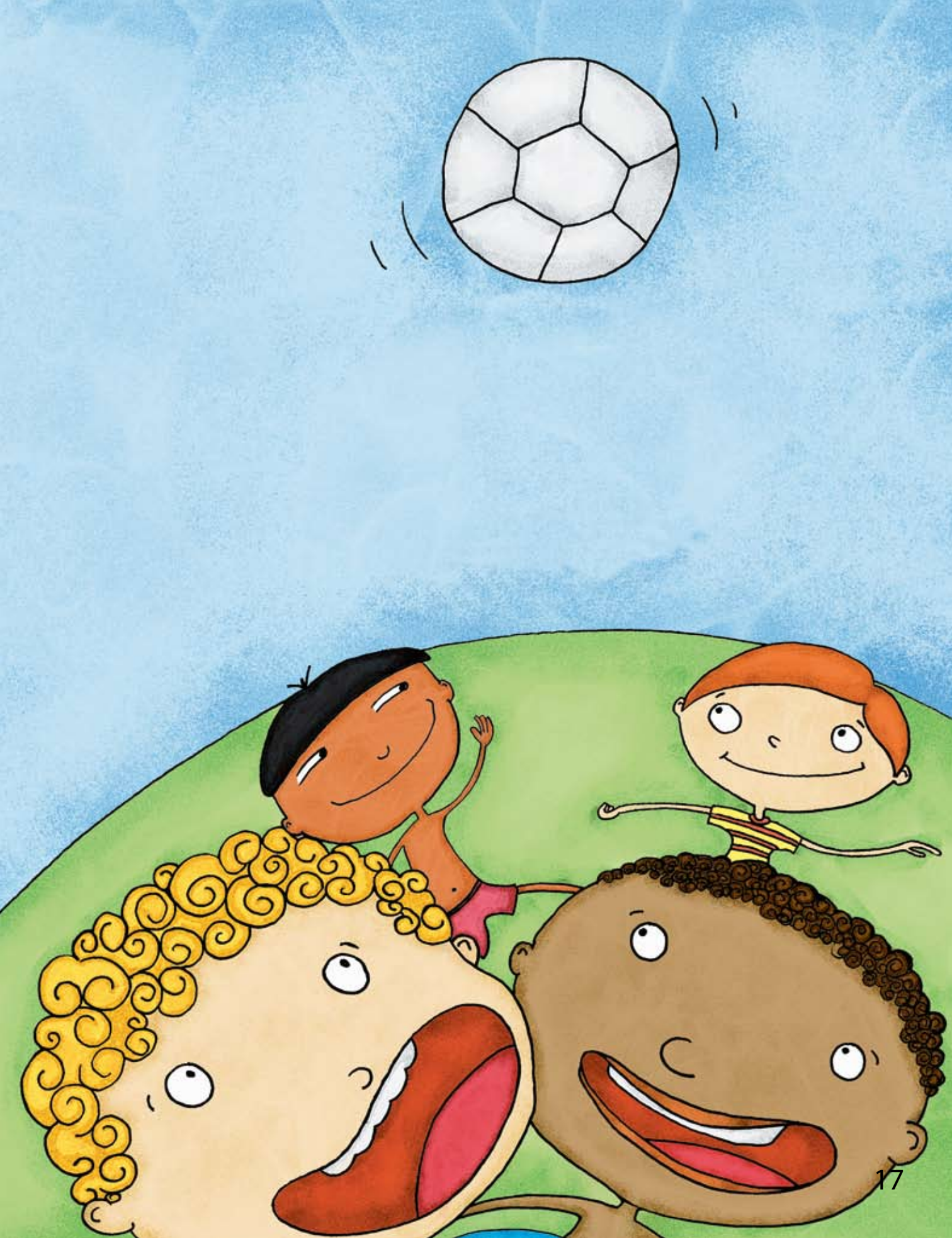
O campinho

Foi num dia em que a mãe foi levar a roupa lavada na casa da madame que havia se mudado para a casa mais rica da rua que o menino conheceu o outro menino, filho da dona madame, igual no tamanho, mas diferente no jeito de tudo. O outro era mais branquinho, cheirava a perfume e tinha o cabelo liso, quase amarelo. Enquanto as mães se acertavam, os meninos foram logo estreitando conhecimentos. O menino branquinho mostrou brinquedos caros, mas as mães não deixaram eles mexerem juntos naquelas coisinhas que quebravam, nem na TV grande da sala. Ficaram se olhando e pensando em que podiam brincar. Então a mãe do menino moreno foi para o quintal, lavar mais roupas e ele seguiu com ela. Logo então, o branquinho se aproximou e viu o outro chutando uma lata. Aí teve uma idéia. — *Vamos jogar bola? Eu tenho uma bola novinha* — e foi correndo buscar.

A manhã passou inteira e eles ali sem perceber. Era tão bom jogar bola. Logo, logo já estavam amigos demais. Chegou a tarde e o jogo teve que acabar, mas os amigos não.

Combinaram. O menino branquinho, todas as tardes, depois da escola e do almoço, iria para o campinho atrás da igreja. Lá, tinha menino de toda cor e jeito e todos eram iguaizinhos no gosto por uma boa partida de futebol.

Depois, suados, deitavam no chão de terra e riam de lembrar as jogadas e besteiras. Lembravam outros jogos e riam mais. Antes das estrelas encherem o céu, o menino branquinho precisava ir para casa, mas nunca mais perderia aquele mundo de meninos iguais.





São João

A mesa cheia de coisas gostosas: pé-de-moleque, milho, bolo, canjica. As brincadeiras também eram tão boas: pular a fogueira, guerra de bombinhas, desfazer as simpatias que as moças faziam para arranjar namorado, olhar os fogos de artifício, as quadrilhas. A gente passava o ano esperando junho. Então era só fazer o estoque das bombinhas, acompanhar a arrumação na cozinha, que começava a cheirar a milho verde e amendoim. À noite, quando se acendiam as fogueiras, a rua comprida parecia um corredor de fogo. iam chegando turmas e perguntavam à porta — São João passou por aqui? — ao que se respondia — Passou sim. — e o povo ia entrando, cantando, comendo e bebendo o que havia na mesa.

Um dia, ouvi as mulheres, à fresca da porta, conversarem sobre a história da origem das fogueiras de São João. Disseram que Maria, mãe de Jesus, tinha uma prima chamada Isabel que também esperava um filho ao tempo que Maria aguardava Jesus. Elas combinaram que, quando o filho de Isabel nascesse, ela mandaria um sinal, pois as casas eram distantes, mas dava pra ver. Então, quando João Batista, primo de Jesus, nasceu, o pai dele acendeu uma fogueira para que Maria soubesse. Daí a tradição das fogueiras no aniversário de São João.

Agora, como foi que esse aniversário ficou tão bom de comidas e brincadeiras, aí já não sei mais. Sei que é o melhor aniversário que se tem aqui pelo Nordeste. Viva São João!





Amizade

Amizade é coisa boa de viver;
é dessas coisas que fazem a gente sorrir de feliz;
querer brincar, pular por aí e só fazer o bem.

Amigo é aquela pessoa de quem a gente lembra assim que tem algo novo para contar; é com quem a gente sempre conta para dizer o que deu errado, chorar junto quando a raiva chega e, melhor que tudo, rir demais quando vem a alegria. Por isso, *“amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito”*, que é o lado do coração.

Mas nem sempre é simples ser amigo.

Às vezes, o amigo faz algo que a gente não faria, diz algo que machuca muito e parece nem ser amigo; às vezes, o amigo fica todo encantado com um outro amigo novo e esquece a gente — é duro ficar de lado; às vezes, o amigo faz coisa muito feia, dessas que a gente pensa que nunca vai perdoar; o lado esquerdo do peito dói e a gente se sente muito sozinho.

Mas sabe? Depois passa. A gente lembra que a gente também faz besteira de vez em quando, que a gente também diz coisas sem pensar, na hora de muita raiva e que a gente também fica todo encantado sempre que tem novidade. Aí pronto, basta um sorriso pra perdoar o amigo porque bom mesmo é contar com quem se tem, e amigo que é amigo a gente não encontra em qualquer esquina.

